

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
ICH - INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

DANILLO MARCHESANO RAMOS ALVES

EMANCIPAÇÃO E EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como exigência parcial para a obtenção do grau de formação, sob orientação do Professor Dr. Gilberto Fellisberto Vasconcelos.

JUIZ DE FORA

2016

EMANCIPAÇÃO E EDUCAÇÃO

EMANCIPATION AND EDUCATION

DANILLO MARCHESANO RAMOS ALVES¹

RESUMO

O objetivo desta obra é entrelaçar teorias de Erich Fromm e Paulo Freire, sobre a temática da educação. Partindo de uma abordagem psicológica de Fromm, estudando a individualização do Ser e sua busca por liberdade, e também abordar como ela pode ser suprimida. Terminaremos numa perspectiva pedagógica de Paulo Freire, que defende uma pedagogia racional e concreta como forma de emancipação do indivíduo. Utilizando da educação para uma consciência de ser pensante e transformador do seu espaço social, para alcançar a emancipação social.

O fundamento desta análise consiste em fazer uma abordagem sócio-histórica com uma temática focada na educação. Temática esta, que não visa um revisionismo pedagógico no espaço escolar, mas, que une e relacionam temas, como: o sentimento de liberdade dialogando com a obra de Erich Fromm "Medo à Liberdade"; e o diálogo feito com a obra de Paulo Freire "Educação como prática de liberdade", considerando a educação como uma arma politizadora do indivíduo.

Palavras chaves: Educação, liberdade, Ser.

ABSTRACT

The purpose of this article is to weave theories of Erich Fromm and Paulo Freire on the topic of education. From a psychological approach of Fromm, studying the individualisation of the Being and his/her search for freedom, and also to address how it can be suppressed. We will finish in a pedagogical perspective of Paulo Freyre, who defends a rational and concrete pedagogy as a form of emancipation of the individual. Using education to create the awareness of a thinking being, transforming his/her social space, to achieve a social emancipation.

The foundation of this analysis is to make a socio-historical approach with a thematic focus on education. This theme does not aim a pedagogical revisionism at the school space, but it unites and relates themes such as: the feeling of freedom in dialogue with the work of Erich Fromm "Fear of Freedom"; and a dialogue based on the work of Paulo Freire "Education as a practice of freedom", considering education as a political weapon of the the individual.

KEYWORDS: Education, freedom, Being

¹ ¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: marchesano89@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Gilberto Fellisberto Vasconcelos.

1. INTRODUÇÃO

O fundamento desta análise consiste em fazer uma abordagem sócio-histórica com uma temática focada na educação. Temática esta, que não visa um revisionismo pedagógico no espaço escolar, mas, que une e relacionam temas, como: o sentimento de liberdade dialogando com a obra de Erich Fromm "Medo à Liberdade"; e o diálogo feito com a obra de Paulo Freire "Educação como prática de liberdade", considerando a educação como uma arma politizadora do indivíduo.

A proposta é partir dos desvínculos primários do homem moderno em relação à sociedade medieval, explicando uma aparente liberdade conquistada pelo homem como fruto de sua razão, e também como Erich Fromm aborda seus aspectos positivos e negativos, e qual a diretriz que em seu presente ensaio é proposto para o mesmo. E, por fim, dialogaremos com a visão *Freireana* que tem à educação como emancipadora, levando o *Ser* a uma consciência política através do desalinhamento, tudo isto, através de uma construção pedagógica partindo da realidade do indivíduo, de suas bases objetivas.

E concluindo, o trabalho visará o entrelaçamento destes diálogos não por meio de uma dialética e sim por meio de uma dialógica, que o filósofo Edgar Morin denomina como operador hologramático em seu livro "Pensamento Complexo", tentado efetuar que em cada parte tenha o potencial do todo.

2. Erich Fromm e o Sentimento de Liberdade

Com os vínculos primários desfeitos entre o homem agora tido como moderno em relação a sua antiga casa maternal "a idade média", cabe fazermos uma pergunta - o homem realmente se tornou livre ou mudou de servidão?

Segundo Fromm (1983) o que caracteriza a idade média em relação à moderna é ausência de liberdade individual, pois naquela sociedade medieval o sujeito já nascia com o seu lugar determinado e com seu estrato social definido, e raramente poderiam existir chances de mudanças, inclusive as mudanças geográficas eram raras, Marx em O Capital também faz um breve comentário: "... na idade média europeia. Nela não há indivíduo independente; todos são dependentes [...] a dependência pessoal caracteriza tanto nas relações sociais do produto material quanto às outras esferas da vida baseada nesta produção." (MARX, 1967, p 99).

Nesta perspectiva a sensação de liberdade de ir e vir até mesmo registradas em constituições nos dias atuais era algo que nem permeava o imaginário do homem medieval, sua vida privada, econômica e social, era controlada por regras e obrigações (FROMM, 1983, p 42). O homem medieval era um homem predestinado, com seu lugar construído antes de seu nascimento, através de extratos sociais formulados por tal sociedade.

Uma das características mais marcantes de tal sociedade era a necessidade que o homem tinha em relação ao seu sentimento de pertencimento, ou seja, o homem tinha a necessidade de pertencer a algo ou a alguém de forma direta e pessoal, ao contrário do homem moderno que se libertou destes laços. A sociedade medieval que tinha uma religiosidade dominante dirigida pelo catolicismo, que através de suas pregações e entendimento das escrituras legitimava o estado medieval dividido basicamente, entre Clero, Nobre e o Povo, tudo parecia ser encabeçado pela divindade que não aceitava questionamentos, o conhecimento intelectual estava nas mãos de poucos, e estes poucos era o corpo de clérigos, que detinham o conhecimento das letras e das artes, tudo isto com a afirmação de serem eles herdeiros diretos do Império Romano.

Mas com o passar do tempo este cenário foi se transformando, já no século XII na cidade de Chartres-França segundo o autor Le Goff começa a existir uma circularidade de livro no meio popular, através da clandestinidade, o qual foi responsável pela circulação de novas ideias que acabou levando certos questionamentos com relação à sociedade da época; no século XIII para o XIV o mercado comercial italiano em Florença acaba modificando as relações humanas, que deixam de ser um tanto agrárias para se tornarem mais comerciais, isto, que no entendimento da teoria marxista é tido não só uma mudança no modo e meio de produção, mas também dos vínculos humanos e da consciência individual, tanto que numa citação de Burckhardt apud Fromm diz: "O italiano do renascimento tornou-se [...] o primogênito dos filhos da Europa

moderna, o primeiro indivíduo”, isto somado com as ideias humanistas florentinas do século XIV ao XVI tendo como protagonista Francesco Petrarca, influenciado pelas fontes da antiguidade clássica o humanismo renascentista se contrapõe ao Teocentrismo vigente e propõe um Antropocentrismo, ou seja, uma valorização do homem em relação à deidade transformando a sociedade numa sociedade horizontal que até então estava verticalizada.

Enfim, o homem em meados do século XV ao XVI através de seus questionamentos e de suas formulações intelectuais acabou de se libertar do jugo medieval, quebrando os laços de pertencimentos e, construindo uma autonomia individual, alcançando desta forma a tão sonhada liberdade. Mas agora cabe questionar liberdade pra que e por quê? Fromm argumenta com as palavras de Huizinga: “Parece que a nova liberdade trouxe consigo duas coisas para eles: um maior sentimento de força e, ao mesmo tempo, maior isolamento, dúvida e ceticismo”. (HUIZINGA, Johan. 1985 p.159)

Neste enfoque, temos dois lados, um lado o homem se desvinculou de seus laços maternos e de outro ele se prendeu por não achar uma diretriz objetiva que o levasse ser realmente um *Ser* pleno, deste modo o homem foi inserido em outro cativeiro, o da liberdade e tirania, individualismo e desordem (ibidem, p 47), e Fromm através desta situação fala da bipolaridade que a liberdade criou, do lado negativo “liberdade de” do lado positivo “liberdade para”. Como veremos adiante.

2.1. O Lado Negativo: liberdade “de”

Este lado negativo da liberdade que trouxe uma angústia e um eventual isolamento, devido à quebra de seus vínculos primários, não trouxe uma maturação do/no indivíduo, mas, sim uma infantilização e um desespero intrínseco no homem, Fromm faz uma alusão deste sentimento:

“Os vínculos primários oferecem segurança e um sentimento básico de unicidade com o mundo exterior a cada um. À medida que a criança emerge daquele mundo, ela dá-se conta de estar só, de ser uma entidade separada de todas as outras. Esta separação de um mundo, que em comparação com a existência individual de cada um é esmagadoramente forte e poderoso, e muitas vezes ameaçador e perigoso, cria uma sensação de impotência e de angústia.” (ibidem, p 33)

Neste contexto o homem que desfez seus vínculos não conseguiu caminhar sozinho caindo na armadilha de um déspota mais feroz e insensível, e que não pode ser personificado e nem conhecido a olho nu, este déspota aproveitando de sua fragilidade lhe ofereceu um relacionamento baseado segundo o autor no sadomasoquismo, transformando-o em um autômato, uns sádicos para preencherem seus vazios e outros masoquistas para se sentirem pertencentes a algo ou a alguém. Neste relacionamento que não foi baseado em torno da individualização do indivíduo, mas em torno das poses que esses indivíduos carregavam e carregam consigo tudo isto alicerçado em bases sócio-político-econômico, isto é, baseado no ter e não no ser.

Esta envergadura foi racionalmente pensada e estruturada para que a sociedade não entrasse em colapso, começaram a pensar em novas instituições, novas formas educacionais, novos costumes, novas tradições, afim, de quebrar toda a lembrança com o passado e transformar o antigo oprimido em opressor (a burguesia) gerando nas camadas menos privilegiadas um sentimento de inferioridade, na distinção de seu capital cultural e sua forma de vida através de toda uma engenharia social disseminada pelos humanistas e que alcançou seu apogeu com o darwinismo social de Herbert Spencer, que converteu a ideia de Charles Darwin do campo biológico para o campo social, acentuando desta forma as desigualdades que tem um caráter histórico através de uma naturalização factual.

A luta de classes na leitura marxista do período moderno não se faz mais entre Senhor e Servo, mas agora acontece entre Burguesia e Proletariado, os dominantes proprietários dos instrumentos de produção passaram a sua ideologia aos dominados, porém, tanto um quanto o outro não se encontram verdadeiramente livres em seu sentido positivo, mas participam daquilo que Fromm denomina “Mecanismos de Fuga”, criando uma relação “Sadomasoquista”.

Os sádicos que em sua maioria é identificado com os dominantes que tem sempre o desejo de “ser mais fazendo os outros serem menos”, esta essência dos impulsos sádicos é comentado por Fromm:

“Qual é a essência de nossos impulsos sádicos? Uma vez mais não é a vontade de fazerem os outros sofrerem. Todas as diversas formas de sadismo que podem observar recaem sobre um impulso essencial, qual seja o de exercer o domínio completo sobre outra pessoa, torná-la um objeto inerme de nossa vontade, tornar-se senhor absoluto dela, tornar-se seu Deus, fazer dela o que quiser. Humilhá-la, escravizá-la são meio para obter este fim e o objetivo essencial e fazer sofrer, [...]. o prazer alcançado pelo domínio completo sobre outra pessoa é a essência mesma do impulso sádico.” (ibidem, p 129)

E do outro lado, temos os masoquistas que sentem o peso da liberdade dos vínculos primários, porém, que não se libertou de sua preocupação e angústia de não ter um pertencimento a algo ou alguém, Fromm explica:

“Os vínculos masoquistas são fundamentalmente distintos dos vínculos primários, isto é, daqueles que existiam antes do processo de individuação ter chegado ao fim. O indivíduo ainda é uma parte do ‘seu’ mundo natural e social, ainda não emergiu completamente do meio que o rodeia. Os vínculos primários proporcionam-lhe segurança genuína e o conhecimento de sua posição. Os vínculos masoquistas são uma fuga. O ego individual já apareceu, mas é incapaz de perceber sua liberdade; está obumbrado por angústia, dúvida e uma sensação de impotência. O ego procura encontrar segurança em vínculos secundários, como podemos chamar os vínculos masoquistas,” (ibidem, p 129)

Nesta perspectiva, temos a descrição de um relacionamento moderno na visão de Fromm, e o mais interessante é que este relacionamento não tem como intenção de ambas as partes à destruição de nenhum dos lados, porque o sádico se satisfaz somente na presença do masoquista e, o masoquista só se realiza debaixo da tutela do sádico, porém, uma observação muito importante feita pelo autor é que as pessoas não ficam somente de um só lado, ou seja, em uma oportunidade ela pode apresentar-se como sádica em outra como masoquista, em ambos os casos sua individualidade e liberdade são aniquiladas (ibidem, p 130-131). A pessoa acaba se aniquilando em troca de paz e tranquilidade interior (p.128), porque o preço da individualidade na sociedade atual acaba sendo pago com o isolamento, isolamento este que é temido por grande parte das pessoas, tanto os dominantes como os dominados. Esta relação se dá de forma simbiótica entre o agente passivo (masoquista) e o ativo (sádico).

Esta análise efetuada por Fromm que sai com esta temática do campo da sexualidade e tenta analisar a sociedade e seus desdobramentos nos relacionamentos é uma tentativa de mostrar a violência dos relacionamentos humanos, que se descaracterizam e o coisificam, por perder toda sua individualidade e se transformar num autômato e, não entender que tanto os que dominam quanto os dominados estão numa rede de estrutura autocrática, esta estrutura de poder e domínio é umas das mais fortes e impessoais, porque não conseguimos localizar a pessoalidade do poder como explica Fromm:

“A autoridade não tem que ser uma pessoa, ou instituição, que diga: você tem que fazer isto ou você não pode fazer aquilo. Enquanto este tipo possa ser denominado autoridade externa, a autoridade pode mostrar-se como algo interno, sob o nome de consciência, dever e superego. [...]. Submeter-se a ordens vindas de fora (pelo menos em questões espirituais) parecia indigno de um homem livre; mas a vitória sobre suas inclinações naturais e o estabelecimento do domínio de uma parte do indivíduo, sua natureza, por outra, sua razão, vontade ou consciência, assemelhavam-se à essência mesma da liberdade.

A análise demonstra que a consciência governa com rigor tão grande quanto o de autoridades externas e, igualmente, que frequentemente o conteúdo das ordens expedidas pela consciência do homem é ditado, em última instância, não pelas exigências do eu individual, porém por exigências sociais que assumiram a dignidade de normas éticas. O império da consciência pode ser ainda mais severo que as autoridades externas, desde que o indivíduo encara as ordens dela como sendo dele próprio, como irá rebelar-se contra si.” (ibidem, p 136-137)

Esta liberdade que foi subtraída em primeira instância, não por uma autoridade externa, mas sim por internas, ou seja, pela consciência do indivíduo, que aparece como força sugestiva, isto é, uma influência que vem de fora e se configura no indivíduo fazendo parecer que esta ideia internalizada pelo homem não seja algo de fora, mas uma formação pessoal sua que foi formulada por vontade própria, mas esta absorção se dá através de um aparato social de difícil identificação pelas vias das *instituições sociais*, e a primeira grande instituição preparatória para a formação desse autômato é a *linguagem*, como argumenta os Bergers:

“Já definimos a instituição como um padrão de controle, ou seja, uma programação da conduta individual imposta pela sociedade. [...]. Diremos mesmo que muito provavelmente a linguagem é a instituição fundamental da sociedade, além de ser a primeira instituição inserida na biografia do indivíduo. É uma instituição fundamental porque quaisquer outras instituições sejam quais forem suas características e finalidades, funda-se nos padrões de controle subjacente da linguagem.” (BERGER, Peter L. 1977 p. 193 BERGER, Brigitte). O que é uma instituição social? In: FORACCHI, M.M., MARTINS, J. S. (Orgs.). Sociologia e sociedade. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p.193

Então o primeiro contato do homem com a sociedade moderna é a linguagem, que é carregada de signos e construções ideológicas, que vão moldando e caracterizando o indivíduo desde sua mãe, fomentando sua consciência e suprimindo toda sua individualidade e unicidade, se transformando num autômato, que recebe uma definição bastante interessante de Fromm: “Para ser breve, digamos que o indivíduo cessa de ser ele mesmo; pelos padrões culturais e, por conseguinte, tornam-se exatamente como todos os demais são e como estes esperam que ele seja.” (1983, p. 150).

Fromm exemplifica um autômato comparando com uma experiência hipnótica.

“O que prova a experiência hipnótica, e sobretudo a pós-hipnótica? Prova que poderemos ter pensamentos, sentimentos, desejos e até impressões sensoriais, que sentimos subjetivamente como sendo nossos, e que no entanto, embora os experimentemos, fomos inculcados por alguém de fora, são basicamente estranhos a nós, e não são o que pensamos, sentimos e etc.” (ibidem, p 153)

Então todo este aparelho formado pelo homem moderno se voltou contra ele, o qual não existe ninguém liberto, mas todos participam desta relação autocrática e despótica, que são colocados na consciência do indivíduo desde cedo pela linguagem e se arrasta pelas demais instituições, porém, o grande problema disso tudo é a ausência de uma consciência crítica e reflexiva para notar estes mecanismos, Fromm:

“A maioria das pessoas está convencida de que, enquanto não for abertamente obrigada por uma força exterior a realizar algo, são delas suas decisões, e que, se desejam alguma coisa, é porque elas mesmas desejam. [...] Grande número de nossas decisões não são de fato nossas, mas são sugeridas de fora; conseguimos persuadir-nos de que somos nós que tomamos a decisão, quando na realidade nos conformamos com expectativas de outros, impelida pelo temor ao isolamento e por ameaças mais diretas à nossa vida, liberdade e bem-estar.” (p 160-161)

Seja o relacionamento sadomasoquista ou a transformação do indivíduo em um ser autômato caracterizam a mesma situação, que no parecer de Fromm soa como o lado negativo da liberdade, que é “liberdade de”, ou seja, os laços primários foram quebrados, mas o sentimento de impotência perante a atual sociedade trouxe novos laços, e, estes mais fortes e mais firmes de um autoritarismo que invade até os princípios mais íntimos do *Ser*, este poder que vem da parte externa como uma sugestão e acaba engendrando todo o imaginário coletivo, fazendo assim, que a massa se uniformize.

O efeito da sociedade industrial e nos tempos atuais sociedade do conhecimento, gerou no *indivíduo um sentimento de impotência, solidão e angústia, gerando uma insegurança* (Fromm, 1983, p 191), e esta insegurança acabou fertilizando o solo para uma eventual dominação, que conforme foi mencionado o atual capítulo deste ensaio, Fromm examina de forma científica, a perda da identidade e da individualização na sociedade moderna, que tem como centro não aquilo que os humanistas propuseram, mas sim o que *O Capital trouxe de novo nas relações modernas*, que compõe o centro da sociedade que gira em torno do mercado que tem como princípio a mercadoria, e está mercadoria que ganhou aspectos elevados de deidade segundo Marx em *O Capital*, então, para entendermos a atual sociedade e sua pseudo-liberdade precisamos conhecer como ela se organiza e como está estruturada, pois Marx salientou que a sociedade se relaciona por meio do mercado.

Este mesmo mercado que impede e sufoca a liberdade de criação e espontaneidade, através de sua ideologia sugestiva que aparece coisificando o *Ser* e humanizando a *Coisa*, e tudo isto acaba gerando um vazio, devido à modernidade estar embasada no desejo, que traz consigo a frustração que se manifesta no desejo não cumprido, e a sociedade moderna que coleciona frustrações por não atender a demanda capitalista se vêem sozinha e solitária, deste modo, sendo gerado um vazio que remete o ser humano a uma procura desesperada por algo ou alguém. E a construção deste mecanismo somado a impotência do indivíduo que perdeu toda sua autonomia, acaba acarretando a entrada de ditaduras muito mais ferrenhas e autoritárias, o qual o indivíduo acaba concordando pela sua fragilidade e pela sua construção sócio-histórica.

Com esta análise do lado negativo da liberdade feita por Fromm, consegue-se perceber a sociedade atual como uma sociedade mórbida, “Ele que se tornou livre dos vínculos externos que impediriam de fazer e pensar o que acha adequado, [...], é dominado por um sentimento entranhado de impotência, que faz encarar as catástrofes que se aproximam como se estivesse paralisado.” (FROMM, 1983, p 203)

O homem que lutou para que sua racionalidade fosse aceita, acabou se mutilando através da perda de sua individualidade e espontaneidade (Fromm, p 202), que não pode experimentar a vida em sua espontaneidade, e que acabou se trocando por um personagem fictício (p 203), e por fim, acabou formando outro laço de sustentação que não reside em si mesmo, mas no mundo com seus signos construídos. Todos na sociedade atual de um modo ou de outro se encontra neste cativo de despersonalização do indivíduo pelos múltiplos mecanismos preparados.

O que o homem pode fazer então para dirimir este vazio, e se tornar naquilo que Nietzsche chamava de *Super Homem*, ou seja, alguém realizado e satisfeito consigo próprio, sem a necessidade de querer ser o outro e nem se entregar de forma cega e irresoluta a autoritarismos externos com bases internas no racional do homem moderno e cômico de seus atos e afazeres. Veremos esta discussão em o lado positivo da liberdade analisado por Erich Fromm.

2.2. O Lado Positivo: Liberdade “para”

A liberdade começa a ganhar sentido não quando olhamos para os predecessores desta liberdade, mas sim para o que sucederá com esta liberdade, isto é, a liberdade não pode ter o seu primado em fugir ou se desvincular de algo, mas em pensar aonde eu quero chegar com a tal *Liberdade*. A França que até em 1789 se via presa ao absolutismo sonhou com a liberdade em desfazer esses laços, mas depois de desfeito e pregado o seu lema de Igualdade, Liberdade e Fraternidade qual foi seu desfecho? Governos autoritários e um nível altíssimo de assassinatos e destruição; na extinta U.R.S.S que sonhava um modelo socialista de governo

que se desvinculasse totalmente do modelo capitalista e do poder do Czar, foi conseguido a partir de 1917 e durou até 1989 com a queda do muro de Berlim, causou inúmeras mortes, atrocidades, fomes e desigualdades; no período da Ditadura civil-militar no Brasil que diziam querer se ver livre do perigo comunista que rondava o território nacional, acabou levando muitos de seus habitantes com esse discurso ao exílio, as torturas e aos massacres de várias espécies culminando em inúmeras mortes. E hoje em dia presenciar os E.U.A pregando a liberdade contra o terrorismo em nome da democracia, mas o resultado de tudo isto é uma mortandade altíssima e destruições de culturas, países e povos sendo desrespeitados e massacrados por esta tal liberdade.

O que quero demonstrar com estes exemplos para sermos breves, é que toda forma de pensamento que tenha como alvo a liberdade partindo de seu predecessor é uma liberdade falida, digna de todos os questionamentos, porque elas não partem de um pensamento que valorizam a vida como um todo, mas que fomentam rivalidades e rixas dentro de um grupo em detrimento de outro. A verdadeira liberdade é aquela que parte do primado de seu sucessor, isto é, de vez em falar estou "*livre de algo*" devemos planejar para estarmos "*livre para algo*". Não podemos enxergar que o sentido da liberdade esteja com o foco principal em se desfazer dos velhos laços, mas em fazer novos laços, ou seja, planejar ser livre quando tiver um planejamento do que irá se fazer quando for livre. Então, em resumo, a liberdade não parte do *pré*, *mas do pós*, porque o pré cultiva o ódio, a rivalidade, a discrepância, a desigualdade e a improbidade humana, porém, o pós visa o equilíbrio entre igualdade e fraternidade que tem como terreno fértil a emancipação humana. É por este caminho que Fromm escreve o lado positivo da liberdade:

"A liberdade positiva como realização do eu implica plena afirmação da originalidade do indivíduo. [...] A originalidade do eu não contraria de forma alguma o princípio da igualdade. A tese que todos os homens nascem iguais implica que todos partilham das mesmas qualidades humanas fundamentais, do mesmo destino básico dos seres humanos, de que todos têm o mesmo direito inalienável à liberdade e à felicidade. Significa, igualmente, que seu relacionamento é de solidariedade e não de dominação-submissão. O que o conceito de igualdade não subentende é que todos os homens sejam similares. Tal conceito de igualdade deriva-se do papel que o indivíduo desempenha em suas atividades econômicas hoje em dia. Na relação entre o homem que compra e o que vende, as diferenças concretas de personalidades são anuladas." (FROMM, 1983, p 209)

Desta forma o lado negativo da liberdade expõe o sujeito à solidão, o lado positivo é aquele que integra o indivíduo primeiro consigo e depois com todos numa relação de mútuo respeito e fraternidade. Então a primeira ligação para se alcançar a liberdade é o indivíduo começar ter plena consciência de si, resgatando aquilo que desde os primeiros anos foram arrancados, como Fromm salienta: "A partir do início mesmo da educação, o pensamento original é desestimulado, introduzindo-se idéias pré-fabricadas na cabeça das pessoas. Fácil é ver como isso é feito com as criancinhas." (FROMM, 1983, p 196)

E Fromm argumenta que a real liberdade que o indivíduo procura está baseada *no cultivo da criatividade e espontaneidade*, comenta:

"A atividade espontânea é o único meio pelo qual o homem pode vencer o terror de sua solidão sem sacrificar a integridade de seu ego; pois, a realização espontânea do eu, o homem se une de novo ao mundo – ao homem, a natureza e a si mesmo. [...] Só é nosso aquilo com que estamos genuinamente relacionados por nossa atividade criadora, trata-se de uma pessoa ou de um objeto inanimado. [...] Se o indivíduo realiza seu eu por meio de atividade espontânea, relacionando-se assim com o mundo, cessa de ser um átomo isolado." (ibidem, p 207 e 208)

E o motor de toda esta engrenagem de espontaneidade e criação está baseado no amor, salienta

Fromm:

“O amor é o principal componente dessa espontaneidade; não o amor encarado como a dissolução do eu em outra pessoa, nem como a posse de outra pessoa, porém, o amor como afirmação espontânea de outros, com a união do indivíduo com outros na base da conservação do ego individual.” (ibidem, p 207.)

Para Fromm, o indivíduo só conseguirá ser livre realmente quando prezar pela sua originalidade que durante os tempos foi sendo recalcada, o qual a sociedade atual não abre espaço para a demonstração de espontaneidade, seja ela sentimental racional ou sensorial, ela preza por valores já fomentados, para que a igualdade mecânica de uma fórmula sugerida não se perca, mas se mantenha o *status quo*, porém, o lado bom de todo este sufocamento da liberdade é que gera no homem moderno uma fome de vida (p 203), que somente será alimentado quando a capacidade criadora e espontânea no homem for alcançada, isto culminará no próprio *ato de viver* (p 208). E quando esta capacidade for alcançada, todos os impulsos sociais terão desaparecido (p 213), este tipo de liberdade pode soar como uma utopia se analisarmos o mundo moderno em que vivemos, é um tipo de liberdade que nunca foi alcançada, mas isto não quer dizer que isso seja impossível, e um dos caminhos pode estar na *Educação*.

Este caminho será discutido no próximo capítulo, Paulo Freire, explicando como a educação pode ser usada como arma de libertação e como ela também pode ser usada como arma de alienação:

3. Paulo Freire e a Educação como prática da Liberdade

“Quando um homem não encontra a si mesmo, não encontra nada.”

Johann Goethe

Em sua obra, Paulo Freire apresenta parâmetros de sua visão pedagógica. Com marcas claras de suas experiências vividas no Brasil, nos mostra o quanto é importante se pensar nas camadas do povo nas políticas públicas e no rumo que o país está tomando. Passando assim, uma visão geral de suas ideias pedagógicas que visa atingir as massas, trabalhando uma pedagogia voltada para os excluídos historicamente da sociedade.

Como Weffort nos fala na reflexão que faz na introdução do livro de Paulo Freire, podemos nos deparar com uma das propostas, pedagógicas, de Freire; “... todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência real vivida pelo educando” (Weffort 1974, p6).

Desta forma Freire propõe a Educação como um instrumento que possibilita à conscientização através da realidade no qual o indivíduo está inserido, tornando o assim um ser crítico e transformador. Mas para que tais objetivos possam ser alcançados deve se pensar, quais os processos históricos que o país passou e está passando, que propicia que grande parte da população fique à mercê de uma minoria?

A obra traça um caminho histórico que nos permite esclarecer quais aspectos da trajetória do Brasil são fundamentais para se entender as desigualdades sociais presentes no país. E propondo que a tomada de consciência das camadas subalternas só será possível através de uma Educação com práticas pedagógicas que englobem a realidade do educando, proporcionando-o lutarem contra a opressão, atingindo a liberdade

como indivíduo em sociedade, e reconhecendo seu papel de sujeito histórico produtor de cultura. Trabalhando o diálogo como ponto de partida para alcançar esse ponto, em grupos de estudos que ele define como “círculo de cultura”, que Weffort nos coloca como “O ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem.” (Weffort 1974, p7).

E mais adiante destaca a importância desta forma de trabalho para a interação do indivíduo com seu espaço social, embasado no diálogo:

“O círculo social se constitui assim em um grupo de trabalho e de debate. Seu interesse central é o debate da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica. Liberdade e crítica que não podem se limitar as relações internas do grupo, mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social.” (ibidem, 1974, p.8)

Destaca esse método que não engloba práticas hierárquicas no processo de estudo coletivo, utilizando o diálogo como instrumento comum na tomada de consciência e leitura do espaço social ao qual o educando está inserido. Como podemos observar neste outro trecho que Weffort expõem as práticas pedagógicas de Freire que são utilizadas em seu “círculo de cultura”:

“Uma pedagogia que elimina pela raiz as relações autoritárias, onde não há “escola” nem “professor”, mas círculos de cultura e um coordenador cuja tarefa essencial é o diálogo. [...] O educador, cujo campo fundamental de reflexão é a consciência do mundo, criou, não obstante, uma pedagogia voltada à prática histórica real.” (ibidem, p26)

3.1. Sociedade Brasileira e a Inexperiência Democrática

Na concepção de Paulo Freire a sociedade brasileira é uma sociedade em trânsito, com uma série de contradições no decorrer de sua história. Ele mostra o quanto o processo de colonização influencia na sociedade contemporânea, e como a exclusão das classes populares, das minorias, sempre se fez presente em nossa história. Em um trecho nos coloca como é importante esse “raios-X” do passado para uma reflexão no presente:

“Daí não ser possível compreender nem a transição mesma, com seus avanços e seus recuos, nem entender o seu sentido anunciador, sem uma visão de ontem. Sem a apreensão, em suas raízes, no caso brasileiro, de uma de suas mais fortes marcas, sempre presentes e sempre disposta a florescer, nas idas e vindas do processo: a nossa inexperiência democrática”. (FREIRE, 1965, p 65)

Por conta de nossas transições históricas nossa sociedade é incomparável com as sociedades europeias. Pois os processos históricos são distintos. Nossa história é marcada pela exclusão e pelo esmagamento das minorias. Não passamos pelos processos de democratização que existiram na Europa através de luta, as chamadas Revoluções Burguesas:

“... citado por Oliveira Viana. “Toda a humanidade europeia, afirma o professor brasileiro, evoluiu, desde os seus primórdios, sob este regime de vivência política.”

Entre nós pelo contrário, o que predominou foi o mutismo do homem. Foi a sua não participação na solução dos problemas comuns. Faltou-nos, na verdade, com o tipo de colonização que tivemos, vivência comunitária. Oscilávamos entre o poder do senhor das terras e o poder do governador, do capitão-mor. A própria solidariedade aparentemente política do homem ao seu senhor, ao proprietário das terras, quando esta solidariedade se fez necessária com a importação da democracia política, era antes de tudo, uma solidariedade aparentemente política.” (ibidem, p 70)

Nossa colonização não teve um caráter civilizatório e, sim comercial e exploratório, não existiu nenhum investimento por parte dos colonizadores. Apenas lhe interessavam a exploração pela exploração para aquecer o mercado da metrópole.

Agrega a falta de participação popular a todos esses processos, no Brasil a elite sempre foi enraizada nessas características de exclusão e de participação mínima popular. O que impossibilitava que as classes populares tivessem suas demandas atendidas, sem a participação na política e sem a consciência de agente transformador de seu meio, não existia um diálogo entre as partes, opressor e oprimido:

“A distância social existente e característica das relações humanas no grande domínio não permite a dialogação. O clima desta, pelo contrário, é o das áreas abertas. Aquele em que o homem desenvolve o sentido de sua participação na vida comum. A dialogação implica na responsabilidade social e política do homem. Implica num mínimo de consciência transitiva, que não se desenvolve nas condições oferecidas pelo grande domínio.” (ibidem, p.70)

Freire nós mostra com sua análise de uma perspectiva histórica o quanto a participação popular sempre foi esmagada, deixando claro o porquê encontramos tantos obstáculos quando o assunto é a participação democrática plena de todos. Em nossa realidade o sempre o homem foi esmagado pelo poder, pelos senhores das terras, raras foram as vezes em que o homem pode interferir na organização da vida comum. Mais adiante em sua obra Freire destaca como essas restrições ao homem influenciam na sua formação política de forma negativa, em nosso período colonial:

“Quase sempre proibidos de crescer. Proibidos de falar. A única voz, no silêncio a que éramos submetidos, que se poderia ouvir, era a do púlpito. As restrições, às nossas relações, até as internas, de Capitania para vida, nos teriam aberto possibilidades outras no sentido das indispensáveis trocas de experiências com que os grupos humanos se aperfeiçoam e crescem.” (ibidem, p.75)

Fica evidente a proposta de Freire em mostrar que a exclusão de uma determinada parcela da sociedade, pela camada elitizada, é uma característica histórica da formação de nossa sociedade. E como questões econômicas, políticas ajudam a moldar a mentalidade das massas, criando assim uma situação que atende apenas as demandas de uma minoria que detém o poder, tornando processos democráticos impossíveis de se concretizarem: “É preciso que compreenda que não existe liberdade sem igualdade e que a realização da maior liberdade na mais perfeita igualdade de direito e de fato, política, econômica e social ao mesmo tempo, é a justiça.” BAKUNIN, M.

3.2. A importância do diálogo na construção do indivíduo

Em seu pensamento sobre o diálogo como instrumento fundamental para construção do indivíduo partir de sua experiência como educador, criando inclusive um método fundamentado na situação de vida do educando. Freire mostra uma proposta formativa em vista de uma transformação social na busca de possibilitar a vivência de modo mais profundo da humanidade do homem. Essas reflexões são importantes ao se pensar o sentido de diálogo na situação educacional escolar, em vista de construir um conhecimento que considere a pessoa em todo seu valor relacional e conduza à renovação da sociedade e de suas estruturas, a partir das necessidades e da realidade do educando.

Temos aqui uma das definições que Freire expõe sobre o conceito de diálogo:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (ibidem, p.107).

Freire define neste trecho, o fenômeno do diálogo, como uma reflexão crítica do real, o relacionado a um conjunto de valores que são fundamentais para sua ocorrência: o diálogo está fundamentado em atos de amor, de fé de humildade, de confiança e esperança. É ato de amor por não ter o desejo voltado a interesses próprios, mas sim expressão de compromisso com os homens e com o mundo. O amor ao mundo e aos homens está no fundamento da criação e recriação do mundo como processo de humanização. Para Freire o amor é condição de emancipação entre os homens chamados a serem sujeitos da história na responsabilidade pelo mundo. Ser humilde é um valor fundamental na atitude dialógica, por levar o ser humano a perceber o outro tão homem quanto si mesmo, como papel do semelhante. Com a humildade os homens não buscam agir sob soberba, pois passam a entender que ninguém é superior a ninguém. E o diálogo é incompatível com a auto-suficiência com a supremacia e arrogância. A humildade entre pessoas exige uma postura de horizontalidade não uma estrutura hierarquizada. O homem passa a reconhecer que tem direitos e deveres tanto quanto os outros homens, de saberes críticos tanto quanto outros. É saber que a articulação do mundo é tarefa de todos, e não exclusividade de alguns. A fé nos homens, dado através do diálogo, fundamenta-se na vocação de ser mais. Acredita-se na possibilidade de cada homem de ser mais livre, de ser mais crítico, de ser mais criativo, de ser mais transformador. Freire nos coloca que, portanto, ter fé nos homens é uma escolha vivida antes mesmo de estar diante de outro. Confiar nos homens é ter a capacidade de ser companheiro no ato de pronunciar o mundo, buscando coerência entre aquilo que se faz com aquilo que se fala. Por meio da confiança, chega-se à maior clareza nas trocas de experiências. A confiança é experiência posterior ao diálogo, resulta do encontro entre homens como sujeitos na pronúncia e na transformação do mundo. Freire defende que só através dessa estrutura embasada em reconhecer o outro como semelhante, será possível a emancipação dos esquecidos dos oprimidos, em todo o percurso da história da Humanidade.

4. Breve Ensaio Sobre o Estudo Comparativo de Fromm e Freire

Neste capítulo iremos criar um espaço de reflexão e tentar compreender as ligações entre os autores Fromm e Freire, e quais as semelhanças presentes em suas obras ao abordarem o mesmo tema, Liberdade. A obra a ser destacada aqui de Paulo Freire é a *Pedagogia do Oprimido*, trazendo à tona a questão, opressor versus oprimido. Freire estrutura a sociedade em um cenário que envolve essas duas classes, que se relacionam de forma hierarquizada, que pode ser relacionada às estruturas capitalistas que Fromm nos apresenta em sua obra abordada no primeiro capítulo desta monografia – *Medo à Liberdade*. Freire, por conta de seu caráter de educador, nos apresenta através de sua obra, *Pedagogia do Oprimido*, meios e práticas que tornam possíveis de se alcançar a Liberdade dentro de uma sociedade capitalista, pois suas experiências vividas foram junto à camada oprimida da sociedade. Fromm, por sua vez, vai destacar como essa ideia de Liberdade nos é apresentada dentro da estrutura capitalista, estudando a individuação do Ser e sua busca por liberdade abordando como esta liberdade é suprimida.

Em um primeiro momento iremos focar nos escritos de Freire que deixa evidente em sua obra a existência de uma sociedade bipolar, dividida entre opressores e oprimidos. E como se processa essa relação de submissão de um pólo para o outro. Ele mostra como os opressores desumanizam os oprimidos e legitimam sua condição de “superiores” perante os demais:

“A desumanização que não se verifica apenas nos que tem sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É a distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres “*para si*”, não teria significação.” (FREIRE 2005, p 32). Grifo nosso.

Fica claro que através dos escritos de Freire no opressor está presente o caráter desumanizador, e que se consentimos que essa é uma situação natural da história do homem, de nada vale a luta pela emancipação tanto física quanto intelectual dos que são oprimidos no percurso da história. Somente existe esse fator de desumanização na sociedade porque, mesmo sendo este um fato evidente da história, não é um destino certo dos homens, mas resultado de uma estrutura injusta que gera a violência por parte dos opressores.

A grande tarefa histórica dos oprimidos é se libertarem, a si mesmo e aos opressores. Os que oprimem e violentam, abusando de seu poder, não podem ter neste poder, o caráter de libertação dos oprimidos nem de si mesmo, pois não são livres, e sim escravos dessa dependência que têm pelos oprimidos.

Isso só seria possível segundo Freire através da própria pedagogia do oprimido, ensino esse que precisa ser pensado e criado por ele e não para ele. Através desta pedagogia a opressão passa a ser objeto de reflexão dos oprimidos, do qual resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação (Freire, 2005).

A Liberdade é algo que precisa ser conquistada e não doada, é necessário um movimento de busca constante para alcançá-la, através de uma ação transformadora (práxis), ela é possível, com o reconhecimento crítico da situação. Com essa tomada de consciência cabe aos que se encontram em desvantagens, os oprimidos, iniciarem uma luta para superação desta situação.

Fromm apresenta-nos o lado positivo do ser livre, em que o indivíduo se enxerga como parte de um todo, em uma relação de mútuo respeito e fraternidade:

“A liberdade positiva como realização do eu implica plena afirmação da originalidade do indivíduo. [...] A originalidade do eu não contraria de forma alguma o princípio da igualdade. A tese que todos os homens são iguais implica que todos partilham

das mesmas qualidades humanas fundamentais, do mesmo destino básico dos seres humanos, de que seu relacionamento é de solidariedade e não de dominação- submissão.” (FROMM, 1983, p 209).

Esse conceito de que a Liberdade plena só seria possível em uma sociedade sem classes, sem a necessidade de submissão, esta muito vivo e presente também no discurso de Paulo Freire. Mas como seria possível se alcançar tal sociedade, emancipada de divisões hierarquizadas? Com a libertação de ambos os lados, tanto do opressor quanto do oprimido, é possível se alcançar tal estágio social. Mas para isso é necessário adquirir a consciência que o processo não é tão simples, pois dentro do oprimido vive também a chama do opressor, pois vê no opressor o modelo de homem, conforme Freire (2005) os oprimidos têm no opressor o seu testemunho de homem. O que implica em um processo mais complicado, pois possui o risco de não se criar um ser livre e sim um novo opressor. Freire discursa um pouco mais sobre esta realidade nos trechos de sua obra:

“Sofrem uma dualidade que se instala na “interioridade” do seu ser. Descobrem que, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo é o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não o opressor de “dentro” de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre serem espectadores ou atores. Entre atuarem ou temerem a ilusão de que atuam na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo.” (Freire, 2005, p 38).

Isso coloca os oprimidos em um trágico dilema. A pedagogia do oprimido serve para criar um novo homem, que só será possível existir com a superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos, Freire (2005). Através da superação desta contradição entre ambos, oprimido e opressor, é possível se enxergar esse novo ser, o homem em processo de autolibertação, homem libertando-se.

Para se alcançar essa superação é necessário que o oprimido tome consciência dos limites implantados em sua realidade concreta, pela camada dos opressores, o que os fazem permanecer em um mundo “fechado” gerando assim um medo da e à liberdade. Precisam tomar consciência que essa situação lhes é imposta, e através deste reconhecimento alimentar a vontade por sua libertação, pois essa é uma situação construída e moldada historicamente, e não será transformada sem que reais medidas sejam tomadas.

5. Considerações Finais

Dialogando com os dois autores, Fromm e Freire, podemos destacar o quanto a época em que ambos produziram suas obras é de crucial importância para a transmissão da mensagem aos seus receptores, e quais recursos se utilizaram para assim concluírem seus trabalhos. Ambos os autores viveram em um século XX conturbado e conflituoso, o que levantou questionamentos a serem debatidos em relação às condições em que a sociedade estava se moldando. E quais críticas eram possíveis de serem feitas perante o cenário que estava se criando, e assim ambos fizeram. Em uma primeira vista, os temas nos parecem distintos, mas é evidente uma possível ligação entre suas obras.

A palavra Liberdade é de uma complexidade gigantesca, porém, após a leitura e a reflexão de Fromm e Freire, é possível uma visão mais clara do termo e como a condição de Liberdade está atrelada a uma

série de fatores estruturais. Nas diferentes sociedades na história da humanidade, iremos nos deparar com diferentes aspectos e particularidades, do conceito *ser livre*. Com o avanço do capitalismo se individualiza o ser, fazendo com que uma falsa Liberdade possa ser alcançada por todo e qualquer indivíduo. O que acaba por ser uma das grandes ilusões do Capitalismo. Pois em todo sistema hierarquizado irá existir opressão sobre os que pertencem a parte inferior da pirâmide. Sendo assim, em um sistema embasado na desigualdade e na submissão de muitos para benefícios de poucos, tornasse impossível o pleno desfrute da liberdade.

Com Freire essa análise também está presente, humanista como é o educador, ele nos apresenta práticas e medidas de como se emancipar das estruturas opressoras que regem os costumes em nossa sociedade. Segundo os escritos de Freire preciso alçar o vôo da liberdade. Esta condição não está dada. Está por se conquistada. Mas primeiro é preciso à consciência da existência das submissões a que nos entregamos, é preciso que desenvolvamos o senso crítico, e a espontaneidade para descobrir formas novas de viver solidariamente.

6. Referências Bibliográficas

BERGER, /Brigitte. /O que é uma instituição social? /In: FORACCHI, /M.M., /MARTINS, /J. S. (Orgs.). /Sociologia e sociedade. /Rio de Janeiro:/ Livros Técnicos e Científicos, /1977, /p. 193.

FREIRE, /Paulo. /Educação como Prática de Liberdade. /SP: /Paz e Terra, /1974.

_____. / Pedagogia do Oprimido. /SP: /Paz e Terra, /2005.

FROMM, /Eric. /O Medo à Liberdade. /RJ: /Zahar Editores, /1983.

HUIZINGA, /Johan. /O declínio da Idade Média, /Editora ULISSEIA, /1985, /p. 159.

MARX, /Karl. /O Capital, /Resumo dos três Volumes por BORCHARDT, /RJ: /Julian. Zahar, /1967.

MORAES, /Vinicius de. / Nova Antologia Poética, / SP: /Companhia das Letras, / 2013.

NIETZSCHE, /Friedrich. /Montade de Potência. / SP: / Ed. /Escala, /2010.